

**PESQUISAR NA DIFERENÇA:
UM ABECEDÁRIO**

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UTP
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

PESQUISAR NA DIFERENÇA: UM ABECEDÁRIO

Organizadoras:

Tania Mara Galli Fonseca
Maria Lívia do Nascimento
Cleci Maraschin



Editora Sulina

© Autores, 2012

Capa: Carla Luzzatto

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Álvaro Lorangeira

Revisão de conteúdo e técnica: Graziela Pereira Lopes

Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

1ª reimpressão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

P474

Pesquisar na diferença: um abecedário / organizado por Tania
Mara Galli Fonseca, Maria Livia do Nascimento, Cleci
Maraschin. – Porto Alegre: Sulina, 2015.
263 p.

ISBN: 978-85-205-0646-2

1. Psicanálise. 2. Psicologia. 3. Filosofia. I. Fonseca, Tania
Mara Galli. II. Nascimento, Maria Livia do. III. Maraschin, Cleci.

CDU: 101
159.9
159.964.2
CDD: 100
150
190

Todos os direitos desta edição reservados são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS
Fone: (0xx51) 3311.4082
Fax: (0xx51) 2364.4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Agosto/2015

SUMÁRIO

RUMORES DISCRETOS DE UM ABECEDÁRIO DE PESQUISA	9
INTRODUÇÃO – Pesquisar: A Genealogia de Michel Foucault	13
ACOPLAR.....	21
AFETAR.....	25
AGENCIAR.....	29
AGIR	33
ANALISAR.....	37
BRICOLAR	41
CARTOGRAFAR	45
CLINICAR	49
COLETIVIZAR	53
COMPARAR.....	57
CONHECER.....	61
CONTEXTUALIZAR	65
DESEJAR	69
DESNATURALIZAR.....	73
DEVIR.....	75
DIFERIR.....	81
ENATUAR.....	85
ENTREVISTAR	87
ESCREVER.....	89
ESCUTAR.....	93
ESTETIZAR/ETICIZAR	97
EXPERIMENTAR.....	101
EXPLICAR	105
EXPRESSAR.....	109

FORMAR.....	113
FOTOGRAFAR: CAPTURAR A PASSAGEM.....	117
GAGUEJAR.....	121
HISTORICIZAR.....	125
IMAGINAR.....	127
IMPLICAR.....	131
INSTITUCIONALIZAR.....	135
INTERVIR.....	137
INVENTAR.....	141
JOGAR.....	145
LER.....	149
MAQUINAR.....	153
MARTELAR.....	157
NOMADIZAR.....	159
OBSERVAR.....	163
OFICINAR.....	167
OLHAR.....	171
OPERAR.....	175
OUTRAR.....	179
PENSAR.....	183
POLITIZAR.....	187
PROBLEMATIZAR.....	191
PRODUZIR.....	195
QUESTIONAR.....	199
RECORTAR.....	203
RESISTIR.....	207
SINGULARIZAR.....	209
SOBREIMPLICAR.....	211
SOPRAR.....	215

SUBJETIVAR.....	219
SUBVERTER.....	223
TATEAR.....	227
TRANSDISCIPLINARIZAR.....	231
TRANSDUZIR.....	235
TRANSVERSALIZAR.....	239
UNIVOCIZAR.....	243
VIRTUALIZAR / ATUALIZAR.....	245
XERETAR.....	247
ZERAR.....	251
SOBRE OS AUTORES.....	255

RUMORES DISCRETOS DE UM ABECEDÁRIO DE PESQUISA

Tania Mara Galli Fonseca
Maria Lívia do Nascimento
Cleci Maraschin

Inspirado no Abecedário de Deleuze, este livro se propõe a criar um abecedário a partir de palavras propostas pelo processo de pesquisar. Desta vez, entretanto, buscamos fazer o abecedário gaguejar, não como uma deficiência, mas por aquela indiscernibilidade própria das palavras que nos remetem à polifonia.

O alfabeto, como sabemos, compõe-se de letras. Aprendemos a ler e escrever combinando-as para formar palavras, depois frases. As mesmas letras não se encontram em toda a parte, em todas as palavras, mas cada uma possui sua peculiar posição na enunciação desejada. Temos, assim, letras como elementos, relações entre eles e singularidades produzidas por suas agregações. Ao pensar o processo de pesquisar, vimos ser insuficiente uma letra abarcar os diferentes sentidos disparados como também vivenciamos a insuficiência de uma palavra enunciar todo o sentido que lhe seria possível. Por isso pensamos em uma gagueira, a,a,a... uma vez que as letras se repetiriam, duas, três ou mais vezes segundo a sua correspondência com os sentidos-conceitos que nos aprovesse demarcar. Assim, em nosso abecedário, as letras se repetem para fazer proliferar uma série de sentidos que lhes são correlatos e possíveis no escopo do pesquisar. Série feita de multiplicidades. Repetir para diferenciar.

Nosso enfoque busca situar o pesquisar no âmbito daquilo que pode ser proliferado para diversas direções, cada qual de acordo com a potência dos corpos que pesquisam. Corpo implicado com planos de visão que, ao ultrapassarem o conjunto sensorio-motor – perceber, agir e sentir –, lançam bases para a criação de novas imagens de mundo –, imagens-pensamento –, prenhes de potências de outros modos de fazer ver, para além do empírico, para além do corpo orgânico, para além do tempo cronológico, que apenas assinala posições notáveis no curso dos acontecimentos. Posições capazes de fazer emergir potências de transmutação,

de invenção. Nos instantes quaisquer, nos espaços quaisquer, para extrair das banalidades e do ordinário que se passa, buscamos algo que nos force a pensar, não apenas algo que nos leve a reconhecer aquilo que já se tornou evidente. Buscamos vidência e não evidências. Buscamos tatear os virtuais contidos em nosso presente atual, como em um espelho partido –, para afirmar que toda a imagem é bifacial, atual e virtual –, associada ao curso de um tempo que ultrapassa o efetuado, que é desmedido em suas infinitas potências de se proliferar para além das representações, dos clichês e daquilo que já nos é familiar. Buscamos, na produção de conhecimentos, afirmar outros possíveis, outros mundos coalescentes a esse nosso atual presente. Essa seria nossa política, essa seria nossa busca de reconciliação com aquilo que ainda não foi trazido à superfície e que ainda jaz nos lençóis do tempo como espera e suspensão em busca de agenciamento. Dar a ver mais do que acreditamos ver. Dar a ver aquilo que é imperceptível aos olhos de um paradigma de ciência que tem a tradição de apenas positivar aquilo que pode ver. Pesquisa-vidência que nunca seria concluída ou acabada, mas que, desde seus barrocos entrelaçamentos mentais, levaria a outros e tantos mais mundos quanto o nosso desejo permitir. Pesquisa-desejo forjada no abismo do não saber, em busca de algo a inventar, sem que seja, jamais, pesquisa transcendente, que buscaria em outras esferas que não o das imanências de seu campo empírico novos sentidos, novos devires, enfim, a diferenciação.

Assim, dizemos que nosso Abecedário de Pesquisa afirma um modo especial de pesquisar, relacionando-o a um processo de produzir fissuras no duro gelo das subjetivações instituídas, um quebra-cabeça, por cujas fendas possíveis se deixe entrever aquilo que denominamos de pensamento. Trata-se, pois, de evidenciar um modo de usar as ações do pesquisar, tal como Georges Perec nos mostra criticamente, em seu livro “A vida: modo de usar”. Nas palavras do autor,

a função do construtor de puzzles é difícil de definir. Na maioria dos casos – sobretudo em todos os que são feitos de papelão –, os puzzles são fabricados à máquina e o corte não atende a requisito algum: uma guilhotina programada segundo um desenho imutável corta as placas de cartão de maneira sempre idêntica; o verdadeiro apreciador de quebra-cabeças rejeita esses puzzles, não só por serem de papelão em vez de serem de madeira, ou por vir o modelo reproduzido na tampa da caixa, mas porque esse processo de cortar suprime a própria especificidade do puzzle; contrariamente à ideia fortemente enraizada no espírito

do público, pouco importa no caso que a imagem seja reputada fácil (...), não é o assunto do quadro nem a técnica do pintor que fazem a dificuldade do puzzle, mas a sutileza do corte, e um corte aleatório produzirá necessariamente uma dificuldade aleatória, oscilando entre uma facilidade extrema para as bordas, os detalhes, as manchas de luz, os objetos bem definidos, os traços, as transições, e uma dificuldade fastidiosa para o resto: o céu sem nuvens, a areia, a pradaria, as lavouras, as zonas de sombra, etc (Perec, 2009, p. 12).

Não se trataria, portanto, de considerar cada ação como portadora de um único sentido. Os procedimentos demarcados por verbos no infinitivo nos forçam a pensar haver diversos modos de usá-los. Tais modos, no nosso caso, impeliriam para o polo da criação/invenção, e nos fariam recuar diante de descrições ou narrações meramente marcadas pelas analogias e pelas significações. Buscar-se-ia outros sentidos, reerguer a linguagem para um plano criativo, talvez algum plano menor porque não dominante, encontrar no galope dos fatos a suavidade do eterno retorno da diferença, uma vez que nos saberíamos fazedores de efeitos de superfície causados pela queda oblíqua nos lençóis do tempo puro, para além do Eu penso, do Eu sinto, do que Eu ajo e imagino.

Nosso livro constitui-se como obra de um coletivo, sendo produto do encontro de uma pequena multidão de amigos e colegas pesquisadores do território nacional. Produz-se como uma morada de ecos que ao mesmo tempo em que selam alianças de ressonâncias também as expandem e as traem em sua evocação original. Aqui, os autores poderiam ser anônimos e apenas confundidos no murmúrio discreto de múltiplas vozes, não homogeneizadas e uniformes, mas irmanadas na busca que clama pela construção do presente aliada aos lençóis de um passado puro, de virtuais que poderão, sim, vir a ser chamados de sonhos por vir, que caberia a cada um desenvolver.

Nossos verbetes foram escolhidos como emergentes dos atos de pesquisar, traduzidos em verbos no infinitivo, a serem conjugados nos “usos” e na pragmática da pesquisa científica. Os verbetes referem-se a verbos que traduzem ações ainda por vir, situados no plano de uma indeterminação, de uma impessoalidade e de multiplicidades virtuais. Uma espécie de um caso nos modos de pesquisar, de escrever, de amar o que não se sabe, de constituir o leitor essencial, o “último leitor” do mundo, que o reinventa pela implicação, que o explica sem se separar de si, que o experimenta através da enação e do colocar-se em atividade através de uma cognição

que não dissocia objetivação e subjetivação. Um caso de pesquisa que é constituído não como problema a resolver, mas como o próprio problema que gera novas problematizações e novas perguntas. Amar, buscar, implicar, traduzidos em ações de um combate contra o pensamento sedentário e representacional. Abrir a ciência para os domínios dos dramas, juntar-lhe afectos, perceptos e conceitos. Reunir o homem despedaçado pela racionalização que prevalece nas ciências humanas. Constituir uma estética e uma ética que se ligam à vida e ao compromisso de expandi-la através de gestos de autoria que, menos do que falarem de um sujeito personalógico e de um Eu identitário e compacto, posiciona o pesquisador como portador e executante de uma função-autor, pela qual se constitui o leitor, aquele outro que, pelas afecções, sensibilidades e contágios, também se torna produtor de sentidos.

Com o Abecedário tentamos construir um dispositivo que possa abrir potências e caminhos para a pesquisa por trilhas de insurgência contra seus percursos dominantes e tradicionais. A proposta de construí-lo emerge de debates feitos no coletivo “Subjetividade, conhecimento e práticas sociais”, um dos GTs da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). A partir de afinidades conceituais, temáticas e, sobretudo, ético-políticas, o grupo vem afirmando a produção de conhecimento como uma prática conectada à vida, guiada pela possibilidade do devir e pela potência da diferença.

Gostaríamos de fazer notar, ainda, que ao contrário de um dicionário, o abecedário não se propõe a ditar modelos e regras. Apenas quer ter função de registro para fazer ver outro modo de pesquisar voltado para as variações diferenciais, para as sutilezas imbricadas nas tramas empíricas, para, enfim, produzir, um modo menor de pesquisar a contrapelo dos modelos hegemônicos e tradicionais. Tal fato, entretanto, não nos situaria mais alto ou mais baixo de qualquer outro empreendimento científico dotado de outras operações e diretrizes. Apenas fazemos questão de nos fazer constar como uma pequena multidão cujas vozes se traduzem em atos de pesquisa, de ensino e de formação, fato que, certamente, interfere nos caminhos da história das ciências humanas. Convidamos os leitores-artífices da pesquisa a compor esse coletivo reinventando infinitivos, fazendo emergir outras virtualidades e tantas gagueiras quantas nossa paixão e criação permitirem.

Referências bibliográficas

PEREC, Georges. A vida – modo de usar. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.